

Artigo

**CORRENDO COM OS LOBOS: OS PROCESSOS DE ESCRITAS COMO  
FORMAÇÕES EM CONSTELAÇÕES EM DEVIR**

**RUNNING WITH THE WOLVES: WRITING PROCESSES AS FORMATIONS IN  
BECOMING CONSTELLATIONS**

Alex Sander da Silva<sup>1</sup>, Guilherme Orestes Canarim<sup>2</sup>, Karoline Cipriano dos Santos<sup>3</sup>, Larissa Aparecida do Nascimento<sup>4</sup>, Victor Fernandes Moreira<sup>5</sup>, Silvana Mazzuquello Teixeira<sup>6</sup>

**Resumo**

Neste ensaio abordamos de alguns aspectos de uma psicologia social dos processos de escrita. Partimos de uma leitura do conto La loba, do livro Mulheres que correm com os lobos, para desenvolver esses aspectos. Elaboramos algumas das intuições, inspirações e imaginações surgidas durante nossa leitura conjunta e abrangemos outros elementos que emergiram durante o processo de anotação e esboço deste próprio ensaio. A questão central, no contexto desta pesquisa, é: de que modo o processo de escrita, tomado enquanto tal, pode amadurecer-se ao tornar-se progressivamente autocrítico? Este ensaio se constitui como uma pesquisa qualitativa de cunho crítico-interpretativo.

**Palavras-Chave:** Processos de escrita, Aspectos sociopsicológicos da escrita, escritas colaborativas

**ABSTRACT**

In this essay, we address certain aspects of a social psychology of writing processes. We begin with an analysis of the story "La loba" from the book "Women Who Run with the Wolves" to explore these aspects. We elaborate on some of the insights, inspirations, and imaginings that arose during our joint reading and encompass other elements that emerged during the process of annotating and drafting this essay itself. The central question in the context of this research is: How does the writing process, considered as such, mature by progressively becoming self-critical? This essay constitutes a qualitative critical-interpretive research.

**Keywords:** Writing process, socio-psychological aspects of the writing process, collaborative writing

---

<sup>1</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

<sup>2</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

<sup>3</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

<sup>4</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

<sup>5</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

<sup>6</sup> Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC

Artigo

**INTRODUÇÃO**

O chocalho do pajé é um acelerador de partículas  
(Viveiros de Castro)

Neste ensaio, discutimos uma leitura do conto La loba, da coletânea "Mulheres que correm com os lobos". Elaboramos alguns aspectos de uma ensaística sobre os processos de leitura/escritura e suas relações conceituais com possibilidades crítico-interpretativas que surgiram “na” e “pela” nossa leitura constelativa e colaborativa. Tratamos, assim, o conto como um princípio (est)ético-político para pensar os processos de criação, desenvolvimento, e estratégias de escritas, no contexto da elaboração do conhecimento nos processo formativos.

Como pensar os entrecruzamentos das escritas e suas demandas com as ideias que o conto traz? De que maneira essa história pode despertar ou nos permitir entrever alguma coisa sobre nossos próprios processos de amadurecimento, escrita, criação, autoria ? Seria possível discutir os aspectos da nossa própria formação e desenvolvimentos subjetivos, suas especificidades afetivas, emocionais, simbólicas, entre outras, a partir do modo como as escritas, despertada neste conto, incorporam essas demandas?

No esforço de habitar o ensaio enquanto educadores, entendemos que esse desafio é fruto de uma tensão dialética entre nossa voz, enquanto consciência imanente autocrítica, e a contingência. Isso torna esse empenho, portanto, um mecanismo de formação e de transformação social, especialmente partindo de uma reflexão sobre e por meio de uma práxis crítica e esteticamente orientada.

**TEXTO-CORPO E CORPO DO TEXTO**

Só o pensamento que se faz violência a si mesmo  
é suficientemente para destruir os mitos.  
(ADORNO, 2016)

Antes de entrar propriamente na decomposição do conto, poderíamos pensar em algumas maneiras de falar sobre esse processo, suas analogias e similaridades. Esta é uma preocupação, digamos, de cunho metodológico e formal, que pode ter impactos nas possibilidades de leitura e recepção destes ensaios.

### Artigo

No contexto da expressividade estética, temos o desafio de comunicar algo que, a rigor, é fugidio, evanescente até. Dessa forma, incluímos algumas imagens ou figuras conceituais, que são como guias, tanto para nossa análise/leitura, como para os leitores.

Destacamos, **a colheita dos ossos, a preparação da carcaça, o ritual e a imanência do objeto**. Esses pontos são, de alguma forma, elementos e dinâmicas análogas, paralelas ou ortogonais aos processos das escritas. Poderiam ser também lidos como sinais, chaves de leitura, ou operadores para os nossos processos de escrita.

Assim como existe um certo proceder cíclico nesses estágios, que a autora vai desenvolvendo no conto, também as escritas são processos e percursos cíclicos. Em sua centralidade constelativa são experiências e devires imanentes. Entendemos que as escritas são episódios dialéticos, são consequências de dinâmicas de celeridades, de velocidades, de experiências de intensidades e são, também, esses próprios processos de escrita, parte de experiências estéticas. Ou seja, experiências de conhecimento e de aprendizagem, de criação de sentido, com caráter imanente, dialético, vivo-processual.

Se, para efeitos metodológicos, acabamos por tratar esses estágios separados, o fazemos do ponto de vista de uma espécie de didática, como uma tentativa de congelá-los, capturar esses instantes e momentos, para poder tentar entendê-los.

#### A velha

Na primeira parte da jornada eu olhava para toda a vida  
Havia plantas e pássaros e pedras e coisas  
Havia areia e montanhas e anéis  
A primeira coisa que eu encontrei foi uma mosca zumbindo  
E o céu sem nuvens  
O calor estava forte e o chão estava seco  
Mas o ar estava cheio de som [...]

O conto começa pela figura enigmática da velha. A história da velha nos mostra como é importante preservar espaços e momentos de solitude em nossas vidas. Aproveitá-los e protegê-los, para que ninguém possa roubar ou prejudicar nossos campos subjetivos mais preciosos. Encontrar um lugar seguro, para onde possamos ir sempre que precisarmos de um tempo a sós, sem medo de ser incomodados.

### Artigo

Essa ação de se retirar pode ser autônoma e até mesmo intencional. Aqui o deserto pode ser uma boa analogia, em lugar de sinalizar aridez, ele pode significar abertura e a (re)descoberta de amplitudes interiores.

Especialmente com os diários, e cadernos de campo, as escritas evidenciam-se pelo teor íntimo estabelecido no processo. De certo modo, isso é um aspecto subjetivo que parece não estar mais no nosso imaginário, a intimidade “saiu de moda”. De alguma forma nossa realidade atual é de superexposição. Parece que todos os aspectos da nossa vida devem ser, de alguma forma, publicados, likados, curtidos, vistos, distribuídos; haja visto, os imensos números de *onlyfans*, *privacy*, *lives* de diversos conteúdos. Então, talvez, exercitar a sensibilidade subjetiva para essa solitude seja um desafio estético-educativo, para o fortalecimento da subjetividade.

Nesse ínterim, estar em secreto é estranho, contudo, quando a gente se senta com um caderno, ou para digitar e fazer “anotações”, rapidamente nos envolvemos com a página e nos desconectamos. A escrita tem um tempo próprio, assim como a experiência do conhecimento, então isso nos força a realmente estar presente com os pensamentos. Desse modo, as ações ou gestos, as estratégias das e nas escritas em processo, são ações. Elas são um meio de pensar ampla, complexa e criticamente.

Isso também fornece um valor significativo para nossa vida, colocando a possibilidade de um espaço intersubjetivo relativamente equitativo. Na correria da vida cotidiana é um momento em que podemos nos recuperar, e realmente nos dar ao luxo de sentar e começar a digerir as coisas, que de outro modo geralmente nos sobrecarregam, desgastam e esgotam.

Existe uma velha que vive num lugar oculto de que todos sabem, mas que poucos já viram. (ESTÉS, 2014, p. 33)

Todos sabem que ela vive em algum lugar, que é oculto e que poucos conhecem. Embora poucos tenham tido contato direto, ainda assim ela é um tipo de mito ou lenda, algo que simboliza certos tipos de coisas e que participa da vida simbólica dessas comunidades. Essa sua posição alegórica, talvez tenha alguma relação com outras figuras, ou símbolos, que também cumprem, de certo modo, papéis semelhantes na vida simbólica intersubjetiva.

Tanto na cultura ocidental como na oriental, e muito provavelmente em muitas culturas que não se deixam reduzir por essas categorizações, existem esses curto-circuitos

### Artigo

dialéticos. Figuras que representam simultaneamente um deslumbramento e medo do desconhecido, entre outras coisas.

É interessante pensar que, no geral, são figuras como o louco, eremita, o peregrino, o judeu errante, a velha ou as variações da feiticeira, etc. e aqui cabe algumas questões: de que modo essas figuras representam aspectos de conjuntos ou complexos sociais? Como esses arquétipos, noções, e alegorias incorporam certos processos de performatividades masculinas ou femininas em seus caracteres de mediação social de gênero e subjetividade? Qual pode ser, a relação dessas figuras com aspectos da não-identidade ou da condição negativo-dialética da nossa identidade enquanto dinâmica de provisoriedade, imanência, inacabamento, etc?

Outra coisa a ser analisada é o processo de desertificação da ação da personagem. Ela vai até o deserto, sabe lidar com o silêncio da produção, se envolve na pesquisa de achar os ossos. Recebe a solidão dos momentos da investigação individual, dos pensamentos que introduzem e perpassam a pesquisa/escrita. Ela mantém o foco, não se desvirtua, mas aproveita o desenrolar dos seus movimentos na realização de experiências estéticas. Se envolve na atividade observando seu desenvolvimento e execuções, em movimento; contempla o decorrido em ritmo e melodia.

Como nos contos de fadas da Europa oriental, ela parece esperar que cheguem até ali, pessoas que se perderam, que estão vagueando ou à procura de algo. Ela é circunspecta, quase sempre cabeluda e invariavelmente gorda, e demonstra especialmente querer evitar a maioria das pessoas. Ela sabe crocitar e cacarejar, apresentando geralmente mais sons animais do que humanos (ESTÉS, 2014, p. 33).

O poeta grego Homero, uma vez descreveu o mar como o lar dos perdidos. Ele simbolizava a ampla extensão da vida humana, uma vez que se referia tanto aos vivos quanto aos mortos como perdidos. Muitas culturas pensam que, após a morte, a pessoa não se separa totalmente do passado e do ambiente familiar. Em vez disso, ele pode continuar a vagar ou procurar algo.

Segundo o folclore indiano, após a morte, uma pessoa pode retornar à terra como um animal ou um pássaro para encontrar o caminho de casa. Nesse sentido, pode-se considerar a vida após a morte como uma continuação do que se fez aqui na terra - ou seja, procurar algo.

Aqui é importante a gente sinalizar para algo que, de certa forma, vem sendo incentivado e aparece cada vez mais como uma espécie de fetiche do self-made man. Hoje em

### Artigo

dia, parece muito comum essa ideia de que você é o único responsável pelo seu trabalho, seu sucesso. O neoliberalismo tem trabalhado muito em cima disso, para dar um certo contexto, uma espessura, uma elaboração ideológica que permeiam nosso pensamento, construindo esse discurso de que é você contra o mundo, de que o inferno são os outros, seja empreendedor de si mesmo, entre outros clichês.

Na escrita, e na vida acadêmica, também existe uma certa a ideia de autoria, genialidade, criação, entre outras. Ideias que, ao que tudo indica, estão ligadas a uma certa ideia de isolamento, de retiro, um separado dos outros. Uma certa concepção, ideologicamente orientada, de que a maioria nunca tem razão, de que o trabalho colaborativo é para os fracos, para as pessoas que não são criativas, já que o verdadeiro artista, o verdadeiro gênio e cientista trabalha sozinho, descobre sozinho, e faz tudo sozinho.

Nesse sentido, o risco da solidão está nesse equilíbrio. É muito difícil construir uma sociabilidade de construção coletiva, colaboração. Além disso, as transformações sociais cada vez mais tem complexificado e dificultado as nossas formas de relações sociais. Contudo, enquanto animais sociais, é importante termos em mente que somos produção de desenvolvimentos de uma dialética intersubjetiva. Não somos *aislados*, nem somos separados do contexto de trocas intersubjetivas da nossa época e lugar. Jamais estamos completamente apartados das discursividades da nossa formação subjetiva, repertório social, simbólico, semiótico, estético, etc.

Dessa forma, é importante ter um pouco esse cuidado, desde uma perspectiva crítica, para não acabar caindo nesse engano de uma certa ideia, dígitamos assim, distorcida ou prejudicial sobre quem somos e quem podemos ser, “dos”, “com” e apesar das condições sociais, políticas, econômicas, culturais, entre outras.

### A colheita dos ossos

[...] Depois de dois dias sob o sol do deserto minha pele  
começou a ficar vermelha  
Depois de três dias na diversão do deserto, eu estava olhando  
para o leito de um rio  
E a história contava de um rio que fluía  
Me deixou triste pensar que ele estava morto [...]

Ainda nessa relação, entre planos ou campos subjetivos, os jogos de força, as tensões e dinâmicas subjetivas aparecem como idênticas nos dois pólos. Ou seja, de alguma

### Artigo

maneira, fica evidente que no sujeito e no objeto há o que poderíamos chamar de momento subjetivo e momento objetivo. Esses momentos são, os pontos a partir dos quais cada um em sua posição invertida retorna ao outro como novo ou como o idêntico travestido de circunstancialidade (ou contingência).

Vale lembrar aqui que, no processo, vemos tanto o outro, ou a outridade do outro nele próprio, quanto o outro de nós mesmos, que só apreendemos enquanto objeto para nós. Isto é, objeto de nossa própria consciência, ou enquanto essa outridade própria tornada enquanto coisa na e pela relação intersubjetiva dialética e imanente). Ou seja, uma abertura para o outro que nós nos tornamos no outro, e do outro que nós nos tornamos para nós mesmos. Aliás, do outro que só nos tornamos para nós mesmos, na medida em que podemos, a partir desse movimento, nos “reencontrar” enquanto outridades reificadas, como objeto para si da consciência subjetiva, mediado pelo outro (sujeito ou coisa (est)ético-epistêmico-política).

Desse modo, partindo de um certo plano subjetivo e interagindo com as condições contextuais elaboradas “pelo” e “com” o sujeito, a própria obra em sua subjetividade (a coisa como sujeito), vem a ser em sua autoconsciência dialética. Dito de outro modo, é como se a expressão tomasse a partir desse processo a energia necessária à sua própria simbolização, sua transição simbólica e sua estruturação.

Ela é conhecida por muitos nomes: La Huesera, a Mulher dos Ossos; La Trapera, a Trapeira; e La Loba, a Mulher-lobo. O único trabalho de La Loba é o de recolher ossos. Sabe-se que ela recolhe e conserva especialmente o que corre o risco de se perder para o mundo. Sua caverna é cheia dos ossos de todos os tipos de criaturas do deserto: o veado, a cascavel, o corvo. Dizem, porém, que sua especialidade reside nos lobos (ESTÉS, 2014, p. 33)

Aqui tem duas coisas que gostaríamos de salientar, um primeiro aspecto é a questão de que nesse recolher o que arrisca se perder para o mundo, parece estar alguma noção de relevância. Ela conserva algo que, por algum motivo, tem certa relevância, algo que é importante, mas que, está sob a ameaça, foi negligenciado ou parece ter perdido seu status e relevância, e agora arrisca se perder para o mundo.

Aqui poderíamos falar, por exemplo, da ideia do “menor”. Aí entra o Manoel de Barros e sua poesia das coisas insignificantes, menores, desprezíveis, mas poderíamos relacionar também com Kafka, e o seu odradek, feito de fiapos, Delleuze e Guattari com a ideia de uma literatura menor entre outros. Aqui, no nosso entender, temos uma oportunidade

## Artigo

de tratar de uma questão que, de certo modo, também está ligada ao nosso trabalho enquanto professores: conservar.

Essencialmente, entre outras coisas, nosso trabalho é para conservar, manter e salvaguardar coisas que, em muitos casos, estão perdendo ou já perderam sua condição e sua cidadania, somos barqueiros atravessando tesouros insuspeitos, ou como os artistas, fazemos coisas que ninguém pediu e queremos vender coisas que ninguém quer comprar.

Muitas vezes esse é um paradoxo brutal. Até no senso comum, apesar de tudo, existe um certo entendimento de que é importante “estudar para ser alguém na vida”, mas imediatamente isso já encerra uma ideia da relevância ou da importância do saber e do estudo. Ao colocar essa subordinação, estudar “para ser alguém”, já reduzimos muito o que pode ser entendido como estudar, bem como suas finalidades, instrumentalizando todo o processo e desperdiçando seu maior potencial.

Nesse sentido, quando ela recolhe e conserva coisas que correm sério risco, podemos nos ver, pois, boa parte do nosso tempo, há vários anos, tem sido recolher, conservar, e compartilhar como possível, coisas que, de muitos modos, estão sempre sob o risco de se perderem para o mundo. Pensamos que, essa fragilidade do saber, em especial do saber escrito, em face das transformações ou das oscilações da tradição e das nações ou do povo, em geral, se dá por conta da própria fragilidade e provisoriedade da condição humana.

Se por um lado temos construído prédios, monumentos, por outro, a cada geração temos de nos reinventar enquanto humanos porque não nascemos com um disco rígido ou memória já pronto. Como coloca o Adorno (2006), as formas do ser social são socialmente mediadas, isso significa que a intersubjetividade que instaura nossa vida social é também o meio pelo qual se estabelecem, de modo dialético e conforme seu núcleo temporal e temporário, os aspectos do que constitui a nossa humanidade-possibilidade.

### **A preparação da carcaça**

[...] Depois de nove dias eu deixei o cavalo correr livre  
Porque o deserto tinha virado mar  
Havia plantas e pássaros e pedras e coisas  
Havia areia e montanhas e anéis [...] (AMERICA)

Importante notar que assim como o caminho da pesquisa e escrita, a personagem descreve sua sabedoria de modo processual. Não nos tornamos pesquisadores, leitores ou escritores num piscar de olhos, de um momento para outro, mas em decorrência e por meio de

## Artigo

vários aspectos. “Devo revelar que não sou um daqueles seres divinos que marcham deserto adentro e retornam repletos de sabedoria. Viajei por muitos lares e espalhei farelos ao redor de cada local em que dormi.” (ESTÉS, 2014, p. 20)

Existe uma preparação. É erro e acerto, é tentativa e refazer. Reescrever, reler, reanalisar, reescutar os membros que fazem parte da rede de formação. Da mesma forma que existe um ritual para seleção, precisamos também ressignificar nossas ações em nossa formação e selecionar o que precisamos fazer para chegar à atividade-fim pretendida.

Ela se arrasta sorradeira e esquadrinha as montañas e os arroyos, leitões secos de rios, à procura de ossos de lobos e, quando consegue reunir um esqueleto inteiro, quando o último osso está no lugar e a bela escultura branca da criatura está disposta à sua frente, ela senta junto ao fogo e pensa na canção que irá cantar (ESTÉS, 2014, p. 33)

Pensamos, nesse contexto, que há muita coisa a ver com o nosso processo de investigação, de escrita e leitura. Ela busca, esquadrinha tudo, procurando alguma coisa em especial, uma questão, um problema, um ponto, algum objeto ou artefato. De maneira semelhante, o que nos move são também coisas, que perseguimos enquanto inquietações, desconfortos, medos, angústias, entre outros. A partir desse choque, desse despertar ou dessa curiosidade é que mergulhamos no mundo buscando nele e por meio dele aquilo que queremos entender.

Outro ponto é que ela busca ossos de lobo. O que será que poderia representar os ossos de lobo no nosso caso? No âmbito dos nossos processos, movimentos, gestos, presenças, deslocamentos, dores nos pulsos, no pescoço ou nas costas, no campo da corporalidade da escrita, enfim, nesse contexto do escrever, o que poderiam ser nossos ossos de lobo na formação? Seriam as palavras? As ideias? Constelações de conceitos que, juntos, poderiam se metamorfosear em algo além-texto, na sua composição ou na sua leitura/recepção? Que osso de lobo buscamos?

### O ritual

O oceano é um deserto com sua vida submersa  
E o disfarce perfeito acima  
Sob as cidades há um coração feito de chão  
Mas os humanos não darão amor [...]

Lidamos com seleção, preparação e protocolos, ouvir e ver, perceber e intuir, a voz e o ritmo, o corpo e a corporificação, o cantar-dançar-batucar. Para começarmos por

### Artigo

algum lugar, a regeneração é a capacidade que os organismos têm para se renovarem e se recuperarem após sofrerem danos consideráveis. Isso se deve à capacidade das células não afetadas de se multiplicarem e se diferenciarem conforme necessário para reorganizar as partes danificadas.

Assim, podemos entender a regeneração como um processo, uma dinâmica, gestos que articulam vários elementos, fazendo emergir a possibilidade de uma experiência. Como se o processo, elaborasse nele (o campo ou contexto) sua verdade interna, seu conteúdo veritativo. A partir daí, já em movimento, fosse deslocando e deslizasse as limitações das significações e dos signos, para poder então vir a ser em sua plena realização, como complexão de verdade e saber intersubjetivo.

Quando se decide, ela se levanta e aproxima-se da criatura, ergue seus braços sobre o esqueleto e começa a cantar. É aí que os ossos das costelas e das pernas do lobo começam a se forrar de carne, e que a criatura começa a se cobrir de pêlos. La Loba canta um pouco mais, e uma proporção maior da criatura ganha vida. Seu rabo forma uma curva para cima, forte e desganhado. (ESTÉS, 2014, p. 33)

Aqui neste ponto também tem várias coisas, mas queremos destacar um aspecto: a questão do tempo. No pensamento de Lacan (1986), em psicanálise, existem algumas noções que dizem respeito ao tempo e suas lógicas diversas na subjetividade. Então, aparecem como tempo lógico, tempo de conhecer e tempo de concluir. Essas noções tratam de uma coisa mais ou menos óbvia para os teóricos desde a antiguidade: o tempo da pesquisa, da investigação e da aprendizagem difere do tempo do dia a dia. Outro aspecto é o modo como se cria uma espécie de mundo separado do mundo, um espaço de suspensão das leis normais. No dizer de Adorno,

Assim como a primeira coisa que o feiticeiro fazia em sua cerimônia era delimitar em face do mundo ambiente o lugar onde as forças sagradas deviam atuar, assim também, com cada obra de arte, seu círculo fechado se destaca do real (ADORNO, 2006, p. 27).

A pena pousada na folha rerepresenta e recircunscribe o ato de escrever, mas não está presa, permitindo que a folha se mova e transforme. Como a folha se move, a escrita formada por linhas curvas também muda, criando uma dinâmica de formas-possibilidades. Estas formas fluem, evocando a sensação de uma onda de energia. A vibração criada é um ponto de interseção entre a materialidade e a imaterialidade do mundo e da arte, um espaço-tempo protegido para a descoberta.

### Artigo

Na universidade atual, a aceleração neoliberal está acabando de acabar com qualquer tempo para o estudo. No capitalismo, nada é feito para durar, tudo que é sólido se desmancha no ar. É um processo violento de criar-se e devorar-se. Nesse contexto, parar para pensar o que fazer com os fragmentos, com as ideias e com as aprendizagens em processo é quase uma declaração de incompetência ou de burrice. Tudo tem que ser lido, assistido, digerido e cuspidor fora quanto antes. A gente tem que acordar logo, para trabalhar logo, para dormir logo e viver logo para morrer logo. Então, seguindo essa lógica, esse tempo de permitir o amadurecimento de uma ideia, o tempo de reler, repensar, conversar, discutir, repensar, reescrever etc, é consumido num frêmito de celeridades e intensidades que, quando muito, sequestram a formação subjetiva sob formas de superficialidades e sistemas de gozo industrializados. Em lugar de nutrição, só temos junkfood.

Viramos sujeitos do super desempenho, perdendo a capacidade de contemplar, parar e ver o que já somos, o quanto já avançamos, o quanto já realizamos e aprendemos. Aprender leva tempo, escrever também; se não há tempo para pensar, também não há tempo para escrever e, por conseguinte, também não há tempo para experienciar nada, tudo é supérfluo, tudo é vórtice, luzes, velocidades, etc.

### **Imanência do objeto ou sobre irrupção da subjetividade objetiva na consciência subjetiva**

Veja, eu atravessei o deserto num cavalo sem nome  
Foi bom estar fora da chuva  
No deserto, você não pode lembrar do seu nome  
Porque lá não há ninguém para te causar dor [...]

Ensaíamos esse texto tendo uma ideia, mais ou menos clara: a escrita como experiência estética e La loba como metáfora para a complexão da obra de arte em devir.

Desejamos abrir os processos, selecionando, juntando as coisas, percebendo as dinâmicas das profundidades dos elementos, as suas combinações possíveis, as suas constelações, informações entre outras coisas. Cabe ainda ressaltar a questão do ponto da virada, quer dizer, o momento em que os ossos, o esqueleto-lobo-em-devir, realmente ganha vida. Será que ela (a velha) dá a vida para o lobo ou ela é parte de uma mediação, a mediação performática da qual ambos participam?

### Artigo

Todo esse contexto cria ambiência, atmosfera, uma espessura, que por sua vez permite que o lobo venha à vida. Existe, em torno disso, toda uma questão da preparação, criação do contexto, entre outros aspectos.

É vital evidenciar esse âmbito, a obra de arte tem uma subjetividade, ela é um alguém. Só que um alguém inacabado, pois existe um processo material de complexa composição que “dá vida” a obra de arte, mas essas condições não determinam o seu conteúdo de verdade, nem o momento da sua realização enquanto arte.

A partir desse contexto ou da possibilidade desse contexto existir, e dessa atmosfera ser preparada, elaborada, que talvez então a obra de arte vai realmente poder ter uma voz, tornar-se transbordamento de vida. Quer dizer, a possibilidade de emergir com aqueles ossos que ela já tinha coletado no deserto. Com eles ela podia fazer diversas coisas, mas ela fez a seleção justamente porque ela sabia onde queria chegar.

La Loba canta mais, e a criatura-lobo começa a respirar. E La Loba ainda canta, com tanta intensidade que o chão do deserto estremece, e enquanto canta, o lobo abre os olhos, dá um salto e sai correndo pelo desfiladeiro. “Em algum ponto da corrida, quer pela velocidade, por atravessar um rio respingando água, quer pela incidência de um raio de sol ou de luar sobre seu flanco, o lobo de repente é transformado numa mulher que ri e corre livre na direção do horizonte.” (ESTÉS, 2014, p. x)

Talvez o lobo sejamos nós mesmos (ou nosso momento objetivo), os ossos, pelos, carnes, o canto. Até a própria “la loba” e o processo da “pajelança” também sejamos nós mesmos (ou nosso momento subjetivo). O caso é que podemos nos reconstituir ou regenerar, desde que procuremos entender que não somos nenhuma dessas coisas em particular, mas todas simultaneamente, todas essas e muitas outras coisas em devir. Somos na medida em que desempenhamos nossa existência enquanto propriedade emergente dessas formações em constelações em devir.

Aqui a gente pode ver como esses elementos todos, essa conjunção e a confluência desses elementos todos faz com que a própria imersão, do lobo, da mulher que canta, do ritmo, encantamentos se entrelaçam. Ambos elementos estão intensamente articulados, estão em processo, em devir. Nesse devir está essa possibilidade de uma coisa nova, uma vida nova, representada por esse “abrir dos olhos” do lobo.

Ele abre os olhos e salta pelo desfiladeiro. Esse “abrir os olhos” é o ganhar vida, cujo vínculo com essa inter-relação intersubjetiva e dialética é a própria interlocução entre

### Artigo

esses componentes. O deserto, a voz, o ritmo, os ossos, o processo, tudo isso se estabelece enquanto algo que coloca a possibilidade, abre esse rasgo, provoca e possibilita o vir a ser, um emergir de uma dialética imanente.

Puxando um pouco mais a brasa para a nossa sardinha, podemos perceber propriamente um momento de inícios. Observamos o esboço de identificação, do processo de humanização intersubjetiva. Rascunhos e delineamentos desses aspectos mais naturais ou ancestrais da condição de humanidade de todos os seres.

Desde uma leitura estética, essa materialidade era viva, mas ainda amorfa, sem distinção, não humana ou não subjetiva. Faltava-lhe o seu estar-separado, sua condição de antítese social da sociedade.

Talvez, pensada ainda como algo que representa uma certa genealogia de uma pré-história filosófica da linguagem, da subjetividade, do pensamento e da condição de humanidade, ela sinaliza algo sobre nossas potencialidades não realizadas. Irrealizadas, mas ainda latentes hoje.

Nessa cena, a coisa passa então por uma espécie de metamorfose, que incorpora os elementos da contingência. Performando-se, ela se desenvolve, em aspectos desse mundo, nesse âmbito, no qual existe esse atravessamento, esse percurso, elementos outros, os quais são também constitutivos dessa imanência.

Aqui trata-se de transformação quantitativa, onde somos mais e menos, aquém e além da soma das partes. A questão, por exemplo, é que se juntamos tijolos, cimento e pedras, isso pode construir o prédio da casa, mas não pode fazer o lar. Então esse elemento da transformação qualitativa é importante, ela tem os ossos, aí vai incorporando, num dado momento esse lobo salta, ganha vida, respira, abre os olhos, etc.

Nesse saltar para o mundo, para a realidade, nessa vivência, de um novo campo, uma nova possibilidade, ele também é encapsulado, abraçado, imerso, e permeado pela Floresta.

Tanto a produção textual, a escritura como artesanato intelectual, como a própria produção artística ou estética, tem uma materialidade. Ela é, em muitos sentidos, síntese de múltiplas determinações, complexo de múltiplos complexos de transformações e mediações sociais.

### Artigo

Contudo, é na mobilização, no processo de elaboração, de desenvolvimento, de transformação, de diálogo intersubjetivo, que se coloca então a possibilidade de que esse objeto se torne um artefato, esse artefato se torna então uma coisa, algo que existe, que estabelece para si próprio um para si. Quer dizer, uma consciencialidade, um elemento de subjetividade, de consciência e de voz própria.

O ponto-chave dessa subjetivação, seria essa transformação do lobo em mulher. Quando ela se separa daquele contexto primário da sua elaboração, quando salta para o mundo, para a realidade, quando ela está fora desse contexto e passa a ter vida própria, ela amadurece. Pode então se autonomizar em relação à sua contingência material e simbólica, para propor a sua própria posição, o seu próprio é lugar de liberdade enquanto um alguém, uma subjetividade-possibilidade.

### REFERÊNCIAS

ADORNO. T. W., & Horkheimer. M.. **Dialética do esclarecimento**. Zahar. 2006.

AMERICA - A Horse With No Name Legendado Tradução. Música: A Horse With no Name. [S.L.]: Musica&Poesia, 2015. (4 min.), son., color. Legendado. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4N-OiKzZjws>. Acesso em: 15 ago. 2021.

ESTÉS, Clarissa Pinkola. **Mulheres que correm com os lobos**: mitos e histórias do arquétipo da Mulher Selvagem. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.

LACAN, Jacques. Seminário 1: **Os escritos técnicos de Freud**. trad. Betty Milan, RJ: Zahar. 1953-54/1986.